

O Castanhense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pera e Região

ANO IX	Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pera — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Off. Gráficas da Ribeira de Pera, Lda Chefe da Redacção: António Maria Saraua	N.º 272
-----------	---	---	--	------------

INDUSTRIA DE LADIFICIOS

Contrato Colectivo de Trabalho

Entrou em vigor, no dia 19 de Fevereiro, o novo Contrato Colectivo de Trabalho, assinado no dia 16 do mesmo mês na presença do senhor Sub-secretário de Estado das Corporações, pelas Federações Nacionais dos Industriais de Lanifícios e dos Sindicatos do Pessoal da Indústria de Lanifícios.

O Contrato agora assinado pouco difere do anterior e embora traga algumas modificações está muito longe de se poder dizer que satisfaz, quer a entidades patronais, quer a pessoal, e servirá apenas como medida transitória e certamente que será convenientemente estudado de maneira a sofrer as alterações que fôrem de aconselhar e que possam melhor garantir os interesses de cada um.

No que diz respeito à remuneração do trabalho verifica-se que ficou da seguinte maneira:

1.º Grupo — Categoria A: Fogueiro, motorista, cardador, operário das secções de preparação e penteação, colador, tintureiro, estampador, bordador, bataneiro, lavador de fazenda, encarregado da percha, encarregado da râmula, tosador, encarregado da prensa, encarregado da carbonização, encarregado da decatissagem e pregador,

salário diário, Esc. 23\$00;

(mais 6\$50 por dia, para o pessoal desta região)

Categoria B: Apartador, lavador de lã, lavador de penteado, operário dos continuos de fiar, juntadores, torcedores, operários de emboinadeiras, meadeiro, noveleiro, ajudantes ou auxiliares de fiandeiro, auxiliares de máquinas de ultimateção e tinturaria, preparador de voltas e de teias, encarregado da esfarrapadeira,

salário diário, Esc. 21\$00

(mais 5\$50 que ganhavam nesta região)

Categoria C: Pegadores de penteado,

salário diário, Esc. 19\$00

Categoria D: Pegadores de cardado e caneleiros,

salário diário, Esc. 16\$50

(mais 5\$00 do que ganhavam)

Categoria E: Pessoal masculino não diferenciado,

salário diário, Esc. 18\$00;

(mais 4\$50 do que ganhavam)

Categoria F: Apartadora de lã de 1.ª, urdideira de 1.ª, metedeira de fios de 1.ª, cerzideira e desbarradeira de 1.ª,

salário diário, Esc. 15\$00;

(mais 4\$00 do que ganhavam)

Categoria G: Apartadora de trapo, operária das secções de penteado e preparação, lavadeira de penteado, operária dos continuos de fiar, juntadeira, torcedeira, urdideira de 2.ª, metedeira de fios de 2.ª, desbarradeira de 2.ª, apartadora de lã de 2.ª e remetedeira,

salário diário, Esc. 13\$50;

(mais 3\$00 do que ganhavam)

Categoria H: Pessoal feminino não diferenciado,

salário diário, Esc. 11\$50;

(mais 3\$00 do que ganhavam)

Aos aprendizes são concedidos os salários mínimos seguintes:

1.º ano, 5\$50; 2.º ano, 7\$00; 3.º ano, 8\$00; 4.º ano, 9\$50;
5.º ano, 11\$00; 6.º ano, 12\$50; 7.º ano, 15\$50,

para o sexo masculino, considerando que os três últimos anos compreendem o estágio nas categorias A, B, C e D, nas quais ingressarão logo que ele termine.

Para o sexo feminino, os salários mínimos, são:

1.º ano, 5\$00; 2.º ano, 6\$50; 3.º e 4.º anos, 8\$00 e 5.º e 6.º anos, 9\$50.

Os dois últimos anos são de estágio e findos eles, ingressarão nas categorias correspondentes.

TECELAGEM

Tecedores ou tecedeiras de 1.ª, em teares mecânicos,

salário diário, Esc. 25\$00;

(mais 5\$00 do que ganhavam nesta região)

Tecedores ou tecedeiras de 1.ª, em teares manuais,

salário diário, Esc. 23\$00;

(mais 5\$00 do que ganhavam)

Tecedores ou tecedeiras de 2.ª, teares mecânicos,

salário diário, Esc. 23\$00;

(mais 5\$00 do que ganhavam)

Tecedores ou tecedeiras de 2.ª, teares manuais,

salário diário, Esc. 21\$00;

(mais 5\$00 do que ganhavam)

A tecelagem no regime de tabela foi aumentada em 10%. A tabela especial pode ser consultada na Secretaria do Sindicato, enquanto não são distribuídos exemplares do Contrato a cada um dos operários como aquele deter...

Mínimo na Tecelagem

Os mínimos da tecelagem são os seguintes: Primeiro Grupo, primeira categoria: 4 dias 100\$00, 5 dias 100\$00 e 6 dias 120\$00, para os teares mecânicos. Para os teares manuais: 4 dias, 92\$00; 5 dias, 92\$00 e 6 dias 110\$40. Segunda categoria: Teares mecânicos: 4 dias 92\$00; 5 dias, 92\$00 e 6 dias, 110\$00. Teares manuais, 4 dias, 84\$00; 5 dias, 84\$00 e 6 dias, 100\$80.

Os salários diários na tecelagem no 2.º Grupo, têm menos UM ESCUDO que no primeiro.

Os assalariados não abrangidos pelas classificações que ficam indicadas, como por exemplo: se ralheiros, carpinteiros, pedreiros, guardas, etc., têm um aumento de 15% sobre os salários que auferiam.

Os praticanes (maiores ou menores desempenhando funções de auxiliares de técnicos ou de escritório) auferirão como salário mínimo semanal, Esc. 120\$00, para os maiores e 80\$00 para os menores.

Os empregados (aqueles que auferem remunerações certas, semanal ou mensalmente e em especial os encarregados de secções, como mestre de cardas, tintureiro, acabador, afinador ou encarregado de tecelagem, etc.) terão um vencimento mínimo de 180\$00 por semana.

Aqueles que já auferiam ordenado igual ou superior, terão um aumento de 10%, incluindo os empregados de escritório.

Em 23 de Janeiro passado o Presidente do Sindicato desta Vila e com ele os Presidentes dos restantes Sindicatos do País, apresentaram à Direcção da F. N. I. L., uma proposta de aumento de salários da qual somente foi aceite o que se referia ao aumento dos assalariados em 30%.

Para a Tecelagem, solicitava-se um aumento de 20% no regime de tarefa e apenas foram concedidos 10%.

Para os empregados, solicitava-se um aumento de 20% também, e como a tecelagem apenas lhe foi concedido o aumento de 10%.

Da mesma maneira se tinha pedido 20% de aumento para os assalariados não classificados e apenas lhe foram concedidos 15%.

Para aqueles que já auferiam salários superiores aos mínimos, tinha-se proposto que, dentro do novo mínimo seria concedida a mesma diferenciação, aumentada de 10%, o que não foi tomado em consideração.

Por proposta do Presidente do Sindicato desta Vila foi indicada a supressão do 3.º Grupo que ingressaria no 2.º, ficando apenas dois e dessa maneira toda a área do Sindicato de Castanheira de Pera, ficaria pertencendo a um único Grupo, como se nos afigura justo.

(Continua nas colunas centrais da 6.ª página)

Notas

Bibliográficas

Caderno de problemas
para a 3.ª classe,

por Aires Serra — Edições
da «Atlântida-Livraria Editora,
Lda.» — Rua Ferreira Borges,
103 a 111 — Coimbra.

Um caderno escolar que aparece
oportunamente e a que reconhece-
mos utilidade. Os problemas são
bem ordenados e seriados com
critério didático e pedagógico.

Recomendamo-lo a todos os
professores, dando-lhes a certeza
de que encontrarão nele um belís-
simo auxiliar.

Salomé e o Leque de
Lady Windermere,

por Óscar Wilde — Editorial
«Gleba», Lda — Rua da Mada-
lena 211, 3.º — Lisboa.

Quási dispensam comentários
as obras acima referidas, do famoso
autor inglês. Correram mundo, fô-
ram levadas à cena nos mais céle-
bres teatros e em todos fôram aplau-
didas. Ainda há dias poderíamos
ver esta última em Lisboa.

Que dizer então de *Salomé*,
dêsse drama formidável que em-
polgou o orbe terrestre e que, por
si só, celebrizaria qualquer escri-
tor ou de *O Leque de Lady Win-
dermere*, dessa audaciosa caricatura
do mundo inglês da época?

Simplesmente isto: são obras
de Óscar Wilde; cheias de vigor e
hábilmente tecidas à custa de con-
ceitos variadíssimos, eternamente
verdadeiros.

A Editorial «Gleba» propõe-se
editar as obras teatrais completas
do autor. Louvamos o seu intuito.
Boa tradução de E. Cardoso.

Vida amorosa de Sórora Mariana,

por Alice de Oliveira — Edi-
ção da Parceria A. M. Pereira
Rua Augusta, 44 a 54 — Lisboa.

E' bem conhecida a história de
Sórora Mariana, dessa rapariga ar-
rastada para um convento devido
à arbitrariedade dum pai ambicioso,
dum pai que pôs e dispôs dos pró-
prios filhos como de simples coi-
sas, esquecendo-se de que eles não
tinham somente um corpo com
forma humana, mas também uma
alma merecedora de respeito e de
estima.

A-pesar-disso, gostámos de ler
a descrição feita por Alice de Oli-
veira, baseada em documentos de
ordem diversa e apresentada com
beleza literária digna de apreço.

Além do interesse suscitado pela
vida da desditosa monja, há neste
livro um outro de não menos valia:
a descrição do espírito do povo na
época das guerras da restauração e
alguns dos feitos e costumes rela-
tivos a essa mesma época.

Interessa, sem dúvida, ler esta
biografia e por esse motivo, aqui
a recomendamos.

Agradecidos pelas gentis pala-
vras que nos são dirigidas pela
ilustre autora.

MARCUS.

Nesta secção far-se-á crítica de
todos os livros de que nos sejam
enviados dois exemplares.

O INVERNO

De Maria Amélia S. C. Cunha Meneses

*Dum veludíneo monte, alvinhento,
Estão cobertas altas serranias,
Petrificadas, pela neve algente.
Calam as águas suas melodias...*

*Bailam partículas alvas pelo ar,
Quais flores, a caírem desfolhadas
Dumas mãos, invisíveis ao olhar,
A espargi-las do espaço imaculadas...*

*Mortíça e baça a desfazer a sombra
A Luz suave do céu plúmbeo, desce...
E os galhos nus surgindo dentre a alfombra
Niveos se elevam todos numa prece!...*

*Qual 'stalatite, vítrea e muito leve,
Recebendo do Sol os meigos beijos,
Dos beiraes dos telhados pendê a neve
A despedir seus lívidos lampejos...*

*Sobre o alvôr do monte e da campina,
Sobresaem altivos pinheirais,
Reverberando a côr esmeraldina
Pelas brumas dos dias inverniais...*

*Erguem festões, repletos de corimbos,
Coralíticas verdes naturais,
Onde treme o aljofar, sôbre zimbros,
Em coloridos, suaves, siderais...*

*O inverno é uma fase encantadora
Que ao nosso olhar nos dá a natureza...
Linda paisagem, branca e sonhadora,
Numa harmonia plena de beleza!...*

Rancho do Vilar

Exibiu-se nesta vila, com geral
agrado a rancho do Vilar, consti-
tuído por 24 figuras, dirigido pelo
sr. Alvaro Francisco Lourenço e
colaboração do sr. José Rodrigues
Pais. O acompanhamento musical
era dirigido pelo sr. Joaquim Car-
valho.

—Por motivo de força maior não
poude apresentar a sua exibição o
rancho da Gestosa cujos ensaios
prometiam êxito.

Estrada do Ameal

Para elaborar a planta da Estrada
Castanheira-Ameal, encontra-se
nesta vila o Agente-Técnico de En-
genharia ex.^{mo} sr. João Pereira Cir-
ne, de Lisboa.

Calendário

Da importante firma H. Vaultier
& C.ª (Delegação de Coimbra), ven-
dedores de correias, olios, puados,
etc. para a indústria de lanifícios,
recebemos um interessante calen-
dário para o ano corrente. Os nos-
sos agradecimentos.

Falecimentos

Rita Maria

No passado dia 23 de Fevereiro
faleceu, nesta vila, em casa de seu
genro sr. Avelino Francisco, a sr.
Rita Maria, com a bonita idade de
82 anos.

A extinta que sempre gozou de
perfeita saúde até à hora que finou,
era mãe dos srs. José Teixeira e
Francisco Teixeira e das sr.^{as} Maria
Emília Teixeira e Francisco Tei-
xeira e da sr.^a Maria Emília Teixeira.

O funeral que se realizou no
dia imediato para o cemitério local,
foi muito concorrido.

Abílio Correia

Com 82 anos de idade finou no
passado dia 18 de Fevereiro o sr.
Abílio Correia, proprietário, natu-
ral desta vila.

O extinto era pai da sr.^a D. Lu-
cinda Correia da E. Coelho, esposa
do nosso amigo sr. Manuel Simões
Bento, desta vila, e do sr. Aurélio
Carreira, residente no Brasil.

O funeral realizou-se no dia se-
guinte com grande acompanha-
mento para o cemitério desta vila.

A's famílias enlutadas apresenta-
«O Castanheirense» o seu cartão
de sentidos pêsames.

Pique-nique

Está a ser organizado um gran-
dioso Pique-nique, para o próximo
Domingo de Páscoa, num-dos mais
aprazíveis locais desta vila.

Conta já a Comissão organiza-
dora com a colaboração do jazz
privativo do CAT, que tantos su-
cessos tem obtido nas últimas fei-
tas que tem abrilhantado, e, com a
cooperação dos ranchos de Vilar
e das Gestosas, dirigidos respecti-
vamente, pelos srs. Alvaro Valadas
e Gualter Coelho.

Haverá fados e guitarradas, reci-
tações a sérios e em jocoso, baile
campestre, etc., neste pique-nique,
cuja receita reverterá a favor dos
três gémeos.

Pelo Commissariado do Desemprego
foram concedidos fatos a 59
criancinhas dos vários concelhos
do Distrito de Leiria

Realizou-se no passado dia 20
de Fevereiro a distribuição de 59
fatos a criancinhas pobres, filhas
de desempregados e inválidos, dos
vários concelhos do distrito de
Leiria.

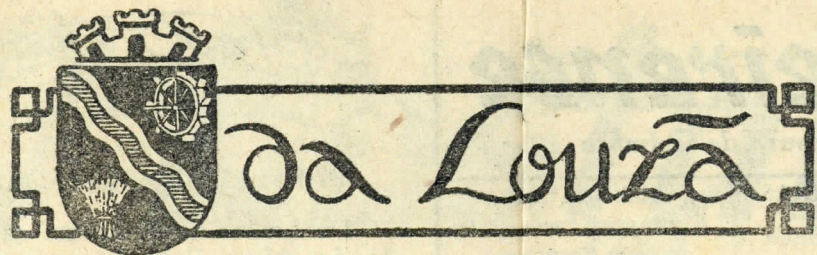
Os fatos distribuídos compreen-
dem a de vestuário e calçado.

Colectividades
e Organismos
Concelhios

(Continuação)

Comissão Reguladora
do Comércio Local

Presidente, Manuel Alves Cepas;
Vogais, Albino Fernandes, Joaquim
Ferreira, Roberto Fernandes de
Carvalho, Eduardo Silva.



Nova fase

«O Povo da Louzã», Semanário Nacional que se publica nesta vila aos sábados, entrou numa melhor e bem orientada fase de publicidade, depois que o seu digno Director, ex.^{mo} sr. dr. Eugénio de Lemos, assumiu, de facto, a sua direcção.

Quere isto dizer: «O Povo» vestiu uma nova e mais elegante indumentária, confeccionada na acreditada oficina do hábil Artista diplomado em corte, sr. João Vaz Lindão, desta vila.

Feito, assim, um dandi, «O Povo» —ei-lo que se apresenta, agora, aprumado, aos seus numerosos assinantes e leitores, projectando-lhes mais vastos conhecimentos sobre os vários problemas políticos e económicos que interessam à vida regional, secções mais variadas e uma desenvolvida lista de noticiário, podendo ombrear com os melhores «jornais» congêneres provincianos.

Temos a impressão de que o «jornal» provinciano que não cuidar, principalmente, de fomentar a grandeza material e cultural da região em que actua, falseia a sua alta missão; e queremos crer que «O Povo», atenta a provada competência do seu inteligente Director, saberá trilhar, sem pelas e em linha rectilínea, tão útil como necessário caminho, neste século de Luz, apagada ainda para tanta gente...

Ad multos anos.

Açúcar

Dizem-nos que foi reforçado com 21 sacos o contingente de açúcar deste concelho, relativo ao mês de Março próximo.

Que farturinha, meu Deus! Mas para dar a cada pessoa só meio quilo? Não vale.

Em Lisboa, por os alfacinhas serem, talvez, mais lambareiros distribuem um quilo.

O açúcar é uma substância indispensável em todos os lares, mormente em casos de doença. E agora, com a epidemia da gripe...

Comparticipações

Lemos, há dias, em «O Povo da Louzã», que foram concedidas, pelo Estado, varias participações para estradas neste concelho, a saber: Padrão—Vidual com 24.490\$; 49.541\$00 para a construção da estrada municipal Louzã-Semide, por Fontainhas e Rio de Vide; com 34.419\$00 a estrada de turismo de Louzã ao Castelo e Senhora da Piedade; com 16.952\$00 para o calçamento do quelhão que liga os lugares da Papanata e Moita, melhoramentos que muito notabilizam e engrandecem a Louzã e os seus homens de comando, no caminho do progresso, dignos de aplauso.

Só para a antiga estrada — e é para lamentar — que da bifurcação da estrada nacional 54-2.ª, passa

no Frexo e no Casal do Espírito Santo para Vilarinho, não se olha!

Por vezes aqui nos temos referido sobre o seu péssimo estado de trânsito, de inverno um autêntico lancaçal!

Afirmamos que os carreiros que, de Coimbra, seguem para a Serra, vêm-se na absoluta necessidade de terem de dar uma grande volta pela Louzã, por os seus bois não tirarem os carros nesta péssima estrada.

Dr. Pedro Mascarenhas de Lemos

(Parabéns)

Dami-los, mui sinceramente, ao ex.^{mo} sr. dr. Pedro Mascarenhas de Lemos, por a contento de todos os municípios, haver completado, no dia 12 do corrente mês, dez anos na Presidência do Município Louzanense.

No decurso deste decénio da presidência, a Louzã, sua terra natal, muito teve a este bom homem e aos seis amigos e leais cooperadores, pelas grandiosas obras, inteligentemente realizadas na vila e em todo o concelho, devido, evidentemente, à acção construtiva da Câmara da sua digna presidência e que estão à vista.

Penas que s. ex.^a não haja voltado os seus olhos para o péssimo estado da antiga estrada a que acima nos reportamos, o que tem desgostado os povos que a ladeiam, levando-os a comentar: «Esta é enteada da Câmara e as outras filhas!».

25-2-45.

Barata de Mendonça

Coentral Grande

Carreira de camióneto

Há já algum tempo que, segundo consta por falta de pneus, se deixa de fazer a carreira de ligação entre esta freguesia e a carreira que do Bôlo segue para Lisboa; a qual tinha lugar à quinta-feira para cima e à sexta para baixo, e que tanta falta nos faz.

Sabemos que apenas tínhamos um dia para ida e outro para vinda, por semana, mas mais ou menos todos reservavam as suas viagens de ida ou regresso para aqueles dias, a não ser num ou noutro caso excepcional, e assim se resolvia o problema dos transportes ao mesmo tempo que as camionetas levavam ou traziam, sempre, maior ou menor número de passageiros.

Agora estamos novamente isolados, sem uma única carreira de camionete ou outro qualquer meio de transporte que nos sirvam. Temos a carreira Castanheira de Pêra-Louzã que passa a 3 quilómetros desta localidade, ou a que do Bôlo segue para Lisboa, à qual agora suspensão dava ligação, que nos fica a uns 8 quilómetros!

De Figueiró dos Vinhos

Pagamento de assinaturas

Pelo correio, foram endereçados aos nossos presados assinantes os recibos correspondentes ao último quadrimestre.

Solicitamos a melhor atenção e a todos os nossos agradecimentos.

Doentes

Após uma impertinente bronco pneumonia, já se levanta o nosso conceituado assinante sr. Francisco Simões Agria Júnior.

— Também a sr.^a D. Maria da Glória Sequeira, mãe do nosso assinante sr. Francisco Albuquerque Sequeira, tem vindo sofrendo duma prolongada doença, sentindo leves melhoras nos últimos dias.

Que o seu restabelecimento seja rápido são os nossos votos.

Visitas

Tivemos o prazer de cumprimentar há poucos dias nesta vila, o nosso bom amigo e sr. dr. João Bugalho Ferreira Semedo, muito digno Delegado do Procurador da Republica na comarca de Niza, acompanhado de sua esposa.

A cem à hora

Na nossa secção «A cem à hora» houve, dizem «Um cem» que ficou por adivinhar.

Podemos dar a certeza absoluta que nenhuma ficou para trás.

Lá que uma ou outra não fôsse das mais fáceis, estamos de acordo mas que todas elas tiveram solução podemos afirmar. Até mesmo para as ex.^{mas} meninas ou meninos que diziam não saberem a quem se dirigiam os «Cens».

Uma coisa podeis ter a certeza e absolutíssima certeza, de que vão elas para quem forem, são isentas de qualquer intenção má.

Desta vez ainda não mas talvez numa das próximas, tencionamos recommençar com a referida secção se a saúde e disposição nos não falharem, pedindo-vos desde já façam umas cõcegasinhas pelos «Cens» que graça alguma vos ofereça.

Queremos também recomendar-vos não vão agora esfarrapar-se como aconteceu há pouco — mas esse foi com vontade — a um nosso leitor assíduo que se riu tanto com um «Cem»

Quando o tempo se apresenta bom, ainda se pode tentar percorrer, se bem que com grandes sacrificios e enormes transtornos, essa considerável distância para assim se obter o indispensável meio de transporte; mas quando a chuva cai incessante e o vento sopra asperamente, quem poderá aventurar-se — nomeadamente quando se vai acompanhado de senhoras ou de creanças — a semelhante empresa é por vezes ainda sujeito a ficar em terra por falta de lugares?

Dado que a suspensão da carreira é devida à falta de pneus, não haveria a possibilidade das instancias superiores a quem isso compete, os fornecerem à Empresa concessionária, para que assim vol-

que lhe fôra dirigido, que ninguém podia chegar lhe ao pé.

Não... não. Isso também nós não queremos.

Os nossos cumprimentos muito respeitosos para Elas e muitos X para Eles...

Até breve...

Campanha da batata

Os lavradores da nossa região iniciaram já a campanha da batata e com entusiasmo admirável.

Um ano bom vos espera já que o sulfato de amónio que há uns poucos de anos vos promete e falta para esta campanha que é a principal, são os sinceros desejos nossos.

Produtos resinosos

Há uns 3 anos que isto anda muito tórto cá pelos nossos sítios a respeito de preços.

Vamos narrar um acontecimento, a ver se alguém é capaz de perceber.

Há uns dois anos uma Empresa Exploradora das maiores do País, que tem nesta região grandes secções, adquiriu por compra uma fábrica, a única aqui, que nas proximidades da vila funcionava normalmente e que pelos vistos ia vivendo.

Acontece que até à data da referida transacção, cada «sangria» era paga ao proprietário a 5\$00 e mais, e era apanhá-las. Tal preço era demasiado diga-se a verdade mas foram os srs. exploradores quem o estipularam.

Pois desde que a aludida fábrica deixou de funcionar, as incisões baixaram de preço para 1\$80 ou seja na campanha de 1943 e na de 1944 já por grande favor só a 1\$00.

Quere dizer: por este andar não tarda que os proprietários nada venham a receber, até que por cima tenham de pagar.

Se o preço para esta região está estabelecido pela digna Junta Nacional dos Produtos Resinosos, muito bem mas se ela o ignora, foi bom ainda ter-nos lembrado isto, pois o abuso continua, porque alguns dos srs. encarregados para conseguirem pinhal, prometem igual preço dos outros exploradores, sem acertarem qual virá a ser provável.

Aguardamos pois, e srs. proprietários: antes de darem os vossos pinhais perguntem preços, enquanto a digna Junta N. P. Resinosos não ponha a mão por cima.

Aqui fica pois...

DAVIS

tasse a efectuar-se, como normalmente, esta carreira de recon e cida utilidade pública e onde não existe outra que a possa substituir?

Esperamos que quem de direito encare com Justiça o problema e tome as necessárias providências, tendo em atenção que o Coentral é uma terra de relativa importância comercial e industrial, geograficamente semi-isolada, e que, portanto, carece de meios de transporte adequados às instantes necessidades do seu desenvolvimento.

LEDE E PROPAGAI

«O CASTANHEIRENSE»

Piparetes

1 Inspeções. Quem não deve não teme. São sempre bemvindas e úteis aos funcionários cumpridores. Oxalá que passem, em bem para todos.

2 Há um encarregado de fazer a limpeza das ruas que continuam sujas e bem sujas. Tal facto só pode justificar-se pelo desvio do encarregado para outros serviços e por falta de quem fiscalize o seu trabalho e faça cumprir como deve.

3 Está de parabéns o pessoal da indústria de lanifícios que em virtude das diligências dos respectivos Sindicatos, conseguiram um aumento de salário que vai de 10 a 30 %. O pessoal da Castanheira é o mais beneficiado do País, presentemente, porque além do aumento indicado, sofreu outro proveniente da passagem para um grupo superior.

4 Chega-nos a notícia de que desta vez vai haver futebol, pois vão nascer mais dois grupos. Oxalá que assim seja para atenuar a pasmaceira dominical.

5 Pedem-nos aqui do lado para perguntar ao amigo Tibério quando é que ele nos apresentará a sua Banda de Música. Será pela Pascoa? Talvez. Esperemos.

REDACTOR V

Para a Casa da Criança

Pelo nosso conterrâneo, sr. Abílio Maria, comerciante em Cascaes, foi-nos enviada a quantia de 48\$40, para a Casa da Criança Rainha D. Leonor, desta vila. Em nome daquela instituição agradecemos a oferta.

"Socorro de Inverno"

Pelo que os jornais nos referem acerca do «Socorro de Inverno», verificamos que os donativos já distribuídos, por conta desse grande movimento de caridade nacional, obedecem ao mesmo critério que na doutrina do Estado Novo rege toda a Assistência: — O critério da Família. Um exemplo foi o resgate de penhores constituídos por agasalhos e instrumentos de trabalho, ainda que neste caso também o indivíduo se aproveite: — um exemplo, dizemos, pois com os olhos no ganha-pão dos lares pobres é que se resolveu tão feliz providência. Convençamo-nos numa vez para sempre: — toda a Assistência em Portugal, depois que veio o Estado Novo com a sua doutrina, tem por fim amparar a família pobre, suprir nela o que por si mesma não pode conseguir, — e jamais alimentar a vadiagem ou a mândria dos que esperam viver tão só do auxílio do Estado, ou dos particulares. Assim, consegue-se acabar, não com a pobreza, e menos com o trabalho do que todos temos de viver, — mas com a mendicância por ofício, e a ilusão de que o Estado alimenta ociosos.

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:	PUBLICA-SE NOS DIAS	ASSINATURAS
Quadrimestre 7\$20	1, 10 e 20	Estrangeiro: ano 4\$80
Cobrança pelo correio mais 1\$00	DE CADA MÊS	Império Português: ano 3\$60

Indústria de Lanifícios

(Conclusão da 1.ª página)

Em vez disso, determinaram que o 2.º grupo passasse para o 1.º ficando em 2.º o antigo 3.º, de maneira que continuamos a verificar injustiças nesta região.

Porque razão os operários da Fábrica da Foz recebem menos que os da Fábrica da Retorta que está visinha? Como estas estão o Bolo e a Várzea, o Souto Escuro e o Rapos e os tecelões do Troviscal e os de Castanheira. Pelo facto do pessoal mudar de Fábrica deixa de ter as mesmas habilitações ou ganha-as? Não.

Diz-se que é por causa do apetrechamento, industrial. Está bem para qualquer outra parte menos para aqui e para os casos apontados que são flagrantes.

Um tear manual no Troviscal não é igual a um tear manual numa oficina da vila?

Os Trabalhadores da indústria de lanifícios da área deste Sindicato pedem e têm direito à igualdade de categoria, pelo que se nos afigura justo que tal lhes seja concedido.

*

* *

Os ordenados e salários do Pessoal da Indústria de Lanifícios, estão sujeitos ao abatimento de 8 %, destinado a:

Caixa Sindical de Previdência	5,5 %
Caixa de Abono de Família	1
Fundo de Desemprego	1,5 %

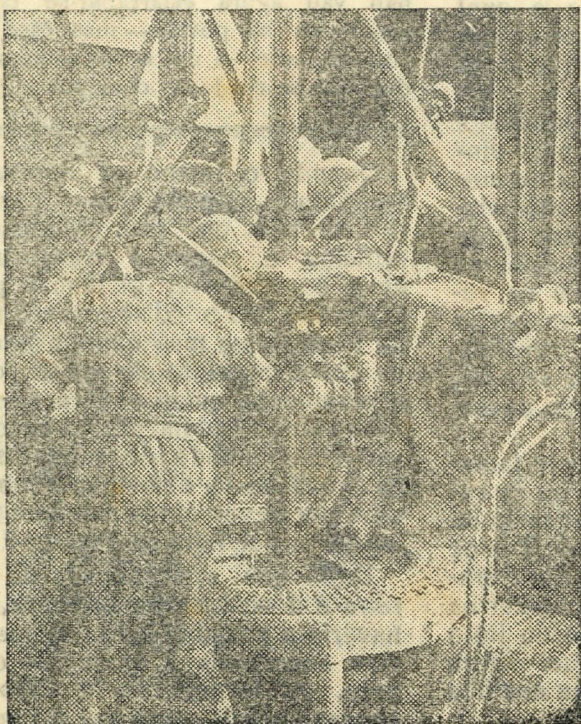
As Entidades Patronais, por sua vez, concorrem também com a percentagem de 14 %, assim distribuída:

Caixa Sindical de Previdência	8
Caixa de Abono de Família	6

São estas contribuições do Pessoal e dos Patrões que permitem que a todo o pessoal sejam concedidas as regalias que vem auferindo e que são: Assistência médica permanente e fornecimento de remédios, subsídios de casamento, nascimento, invalidez e morte, o que representa no fim de cada ano a aplicação de milhares de contos distribuídos em benefício de todo o pessoal.

Segundo nos é informado, não teve o Sindicato desta vila conhecimento prévio das modificações que foram introduzidas no Contrato Colectivo e muito especialmente nas Tabelas de Salários. De resto, até esta data, também nos informam da Secretaria do Sindicato que ainda ali não deu entrada qualquer comunicação oficial sobre este assunto, nem tão pouco um único exemplar do novo Contrato Colectivo.

Apesar disso, tem sido ali prestados todos os esclarecimentos solicitados pelos Sócios, verificando-se que este organismo continua a manter a sua boa conduta em defesa dos interesses da classe trabalhadora que representa.



Algures na Grã-Bretanha foi descoberto o primeiro poço de petróleo. Dá um rendimento de cem mil toneladas por ano.



PARTIDAS E CHEGADAS

De Lisboa regressaram os srs. Mário Alves Bebiano e Pompeu Rodrigues Costa, industriais de lanifícios nesta vila.

— De visita a sua família encontram-se nesta vila os srs. D. Laudiana de Sousa Pimenta e Leopoldina Santos Coelho.

JOÃO PEDRO ALVES

Nesta vila cumprimentámos o sr. João Pedro Alves, de Lisboa, que a Mega Cimeira veio visitar sua família.

Agradecemos a visita que nos fez.

GIL ALEXANDRE BEBIANO

Já se encontra restabelecido dum leve doença que o obrigou a ficar retido no leito uns dias, o nosso amigo e assinantesr. Gil Alexandre Bebiano, tesoureiro da Câmara Municipal desta vila.

ADELINO ALVES BEBIANO

Para o Sanatório da Guarda, seguiu o nosso amigo sr. Adelino Alves Bebiano, sócio da casa «Império das Limonadas», de Lisboa, que se restabeleça rapidamente é o que desejamos.

10 contos!

Sim! 10 contos, foi quanto saíu numa das últimas extracções da lotaria nacional ao sr. Tibério Silva Janini, operário, natural desta vila e residente no Coentral Grande.

O felizardo tinha jogado de sociedade com um indivíduo de Pedrógão Grande que recebeu igual quantia.

Os nossos parabens.

Imprensa

Sulco — Recebemos a visita deste nosso colega, que se publica em Lourenço Marques aos domingos, sob a direcção do ex.º sr. Augusto dos Santos Abranches, digno redactor-delegado do «Diário de Coimbra», naquela cidade.

Agradecemos e vamos permutar.

Casamento

Realizou-se na igreja matriz desta vila o enlace matrimonial do nosso amigo e conterrâneo sr. João Francisco Andrezo, filho do sr. Manuel Francisco Andrezo, comerciante e da sr.ª Maria da Luz Andrezo, com a menina Maria Rosa Alves de Almeida, filha da sr.ª Joaguina Maria e do sr. Manoel Alves de Almeida, já falecido.

Paraninfaram o acto por parte da noiva o ex.º sr. Domingos Alves Bebiano, industrial de lanifícios e sua ex.ª esposa, e por parte do noivo o sr. Marcolino Lopes Tomás, também industrial e sua ex.ª esposa.

Os noivos fixaram residência nesta.

«O Castanheirense» envia-lhe os seus sinceros parabens e votos de muitas felicidades.

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pera e Região

ANO IX	Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pera — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pera, Lda Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 273
-----------	---	---	--	------------

INDUSTRIA DE LANIFICIOS SERVIÇO DE CORREIOS

Por J. ALVES

Ao abrirmos o novo Contrato Colectivo que veio substituir o primeiro e suas alterações, alimentávamos a esperança de encontrar um conjunto de cláusulas, uma exposição de normas, que, pela sua clareza e simplicidade, não semeassem no nosso espírito a confusão e a dúvida.

E esta aspiração era assaz legítima, tanto mais que sobre o primeiro contrato passara a experiência de alguns anos — experiência que nos revelou contradições e ambiguidades tais que, só por si, impunham a sua substituição em moldes de melhor compreensão e clareza.

E' lógico e perfeitamente compreensível que um instrumento de tal natureza seja o mais simples e claro possível, dada a categoria e instrução da maioria dos indivíduos a quem diz respeito e cujas relações de trabalho pretende regulamentar.

Efectivamente, não podemos exigir dum operário os conhecimentos precisos para atingir o alcance de certas disposições que não têm a recomendação a indispensável clareza e mais parecem ter sido escritas para letrados, habituados ao jôgo e contradição das leis, do que para simples trabalhadores.

Ora o novo Contrato da Indústria de Lanifícios, tem cláusulas que se contradizem — como já as tinha o antigo — e outras duma clareza insuficiente para ser interpretado e cumprido fielmente.

Releve-se-nos a rude franqueza das nossas palavras e não se veja na nossa atitude um propósito menos digno. Nós pertencemos ao número daqueles que entendem que só dizendo a verdade se podem definir e aclarar as situações.

Um contrato que se contradiga não deve subsistir sem os necessários esclarecimentos, pelos inconvenientes que sempre resultam duma transgressão involuntária.

No exercício da nossa profissão, temos verificado ocorrências que autenticam, com o selo da verdade, o que dito fica.

O Juiz pode absolver, mas nem por isso o indivíduo deixa de se incomodar; nem por isso é isento do vexame dum julgamento e duma acusação!

E o inconveniente toma geralmente este aspecto quando o agente da autoridade se «agarra» à letra duma cláusula que, por ininteligível, não deixa bem patente o espírito que a ditou.

Para que se não diga que escrevemos infundadamente, vamos concretizar as nossas afirmações.

Comecemos pelas cláusulas 7.ª e 8.ª do novo contrato. Vejamos bem a contradição.

Apresentemos um exemplo, para não aborrecer:

A entidade patronal estabelece o seu quadro permanente com 100 operários e 20 aprendizes. Está dentro da cláusula 7.ª.

Mas, no fim do ano, pretende aumentar o número de aprendizes e, usando da faculdade que lhe é concedida pela cláusula 8.ª, admite mais 5 daqueles colaboradores. Fica, portanto, com 25 aprendizes e 100 operários.

Contudo, transgrediu o disposto na cláusula 7.ª que não permite mais de 20 % de aprendizes, em relação ao número de operários!

Agora saltemos à cláusula 64.ª e vejamos que a mesma entidade patronal pode alargar o seu quadro permanente de pessoal, até 3 vezes em cada ano sem qualquer limite.

Logo, pode admitir o número que quizer de aprendizes, operários e empregados.

Sabemos bem o que se pretende, mas isso é que lá não está — e era bom que estivesse, para que todos o compreendessem.

Em seguida, passemos uma vista de olhos pelo § 2.º da mesma cláusula 64.ª e transcrevamos o que nela se escreveu:

Não é germitida qualquer redução no quadro do pessoal antes de decorrido um ano sobre a data da sua constituição ou do seu alargamento.

Depois, vejamos o que está expresso na cláusula seguinte:

Sempre que as autoridades patronais desejem reduzir os seus quadros permanentes, devem nos despedimentos, atender à antiguidade e aptidão do respectivo pessoal, sem prejuízo do aviso prévio estabelecido na Lei. O normando é nosso.

Pois, caríssimos leitores, de duas uma: ou a entidade patronal não pode despedir, quem quer que seja, sem justa causa, na vigência do contrato, ou pode, em qualquer altura, por um simples capricho ou desejo, fazê-lo.

E' caso para perguntar: como é que os ilustres signatários do contrato conseguem harmonizar as duas soluções e onde é que se encontra a garantia de trabalho?

Somos parte legítima e pedimos que se esclareça este ponto.

Sabemos que criticar é fácil e fazer é difícil. Mas isto não é criticar, é desejo de aprender e esclarecer.

Dito isto, uma confissão se impõe à nossa consciência de trabalhador:

E' que estas contradições e confusões não diminuem ao nosso contra-

Não deve ser desconhecido na Administração Geral dos CTT, o movimento da Estação Telegrafo Postal desta vila e, portanto, facilmente será verificar que a sua importância, por ser um dos principais centros industriais de lanifícios do País, é bastante e que irregularidades nos serviços dos CTT, afectam sobremaneira não sómente a indústria da região, como também o seu comércio. Há um tempo a esta parte, como já por diversas vezes temos referido, os serviços dos correios no que diz respeito à distribuição da correspondência tem andado bastante irregulares. O horário de chegada das malas é às 8 horas e 30 da manhã, dando dificilmente tempo a poder promover-se a resposta à correspondência no mesmo dia, dada a distância das fábricas da sede da vila. Porém, a camionete do correio há muito que vem chegando cerca das 10 horas e por vezes bem perto do meio dia. Com a demora no aparte, a distribuição é feita tam tardiamente que não dá tempo para seguir a resposta no mesmo dia, pois a camionete volta a sair em regresso a Pombal, cerca das 15 horas. Sabemos que estamos numa situação anormal, porém considerando mesmo isso, poderia este concelho e outros por onde a camionete passa, ser um pouco beneficiados neste assunto se a camionete em vez de partir daqui às 15 horas, pudesse vir a partir às 16 horas e 30. Com esta hora e meia já beneficiava bastante todos e não perdia a camionete a facilidade de dar ligação ao combóio rápido, em Pombal.

Deixamos este assunto ao justo critério do Senhor Administrador Geral dos Correios, certos de que, sem prejuízo de outrem, não deixará de beneficiar esta região, como se pretende.

A posição de Portugal

Esta guerra abrangendo as cinco partes do mundo, deixou, no entanto, que algumas nações permanecessem numa paz bendita, sem trair aqueles princípios de brio e lealdade que devem a si próprias, ao seu passado e às relações com os outros povos, assentes em normas estabelecidas na moral e na civilização.

A paz dessas nações serviu todas as outras, tornou-se uma proveitosa necessidade, embora tenham sofrido moralmente e embora as consequências de tão tenebroso conflito as tenha atingido profundamente na sua economia, tranquilidade e progresso.

Aproxima-se a hora de liquidação e julgamento e da criação do

to o principal mérito, que sobressai íntegro, intacto: — o estabelecimento de melhores condições de vida para aqueles que dão o melhor do seu esforço em prol da economia nacional.

Aqui não há duas opiniões diversas, nem pode haver. E no conjunto de circunstâncias que o tornaram possível, destacam-se a diligência e boa-vontade de quem o subscreve.

Negas-lhes a homenagem do reconhecimento que é devida, seria negar os mais elementares princípios da Justiça e resvalar na lama da Ingratidão!

Mação, Março de 1945.

nosso processo, em que queremos acreditar, de combinada obediência a determinados preceitos impositivos de se repetir tão desvastadoras e desumanas guerras. Na conjugação de esforços pela paz, que todos consideram indispensável conservar e defender, as nações que os mantiveram, demonstram com a própria atitude assumida e sustentada, Deus sabe com que dificuldades, o seu sincero desejo de uma paz asseguradora de progressiva civilização e bom entendimento.

Portugal que tem como tradições a mais rasgada generosidade e respeito da justiça, pretende agora, como desde o primeiro momento desta guerra, que a paz e a justiça constituam normas invioláveis perante as quais se mantenha com sincera harmonia um respeito que assegure a existência das nacionalidades e se reconheçam os seus incontestáveis direitos.

Portugal está seguro do seu direito porque soube sempre cumprir os seus deveres e as suas obrigações, sem faltar à lealdade, que deve aos outros, e sem ferir o brio que deve a si mesmo. Fiel à sua velha aliança com a Inglaterra como a todos os seus compromissos, manteve uma neutralidade honrosa, que permitiu uma paz, que o go-

(Continua na última página)

SINDICATO

M. P. I. L.

Relatório e Contas de 1944

Acabamos de ser informados que foram superiormente aprovadas as Contas e o Relatório da gerência de 1944, com um louvor à Direcção deste organismo—pela sua exemplar administração e acção social verdadeiramente notável exercida durante o ano que findou—, facto que registamos com prazer por ele representar o reconhecimento oficial do esforço que a Direcção do Sindicato vem dispensando em benefício dos seus associados.

Abonos na tecelagem

Tem-se levantado duvidas no que diz respeito aos abonos na tecelagem e propriamente quanto ao reembolso dos mesmos. Julgamos que o assunto está devidamente esclarecido no Contrato, não dando azo a nenhuma dúvida e assim é que o § 1.º da Cláusula 55.ª diz: ...têm direito aos mínimos semanais, cujo apuramento para efeito de fiscalização será feito pela totalidade mensal na última sexta-feira ou sábado de cada mês conforme o dia que o industrial tenha escolhido para pagamentos semanais.

Quere-nos parecer que isto quer simplesmente dizer que é no fim da última semana do mês que se dão por liquidados todos os abonos que tenham sido feitos pelas Entidades Patronais para garantir os mínimos estabelecidos entendido ficando que no decorrer do mês a Entidade Patronal sómente poderá descontar até 10% do salário auferido. Cláusula 60.ª, quando esse salário seja superior ao mínimo.

Nenhum bom tecelão deve de-sejar trabalhar em regime de abonos, porque isso em nada o dignifica. Para evitar tal mal, torna-se necessário: — por parte da Entidade Patronal, a aplicação de bons fíos, para o que deve procurar que lhe sejam atribuídas boas matérias primas — e por parte do tecelão — competência e boa execução do seu serviço.

Todos devem compenetrar-se que para terem direito a bons salários, se torna indispensável que sejam competentes e executem perfeito trabalho. Os incompetentes e improductivos, têm que procurar valorizar o seu trabalho se quizerem continuar a ser mantidos nos quadros, pois doutra maneira compete às entidades patronais, no seu próprio interesse, dar a preferência a pessoal competente que produza razoavelmente.

Subsídio de Casamento

Já se encontram a pagamento os subsídios de casamento do mês findo.

Subsídios de nascimento

Também estão a pagamento os subsídios de nascimento.

Abono de família

Tem continuado o pagamento dos subsídios do Abono de Família estando este assunto já por assim dizer normalizado.

O Orvalho

De Maria Amélia S. C. Cunha Meneses

O orvalho é a lágrima que rola
Da noite escura já na despedida...
Um nívoo sonho que no ar se evola
A desfazer-se num adeus à vida...

O orvalho — é a pérola irisada
Que ao azulíneo céu roubou a côr.
A bordar a corola assetinada
Da perfumada e mimosa flôr...

Orvalho é luz que no espaço brilha
Tombando sobre a terra, liquifeita,
O orvalho é mistério, é maravilha
Que lindamente tôda a flora enfeita...

O orvalho — é pura água conglobada,
Mas dissolvendo-se à mais leve aragem...
E no orvalho eu vejo retratada
Da nossa vida a mais fiel imagem!

— Orvalho e vida como são iguais,
E na duração têm a mesma sorte...
Um — a brisa o leva e não se vê mais;
Outro — também... o levará a morte!...

Reuniões familiares

Informa-se que no dia 31 do corrente, sábado, terá lugar na Casa do Ensaio uma reunião familiar seugida de baile com a participação do Grupo Musical do CAT, reunião dedicada aos sócios do CAT, e suas famílias.

Grupo de futebol

Estando completa a equipe para o grupo de futebol, informa-se que vai fechar a inscrição para a prática deste desporto pelo que todos os interessados devem promover a sua rápida inscrição.

As aulas práticas e treinos, vão iniciar-se em seguida.

Um como tantos

Conheço um certo senhor que a sorte levou à culminância de patrão — ele que nunca passou de mau empregado.

Agora exige, não pede. Ordena, com o ar superior de quem se julga alguém, com direito a desprezar quem trabalha. Os seus gestos são gestos olímpicos e estudados. Pesa cento e dois quilos de gordura e muito mais de vaidade sem motivo.

Um dia quis falar-lhe de abstrações literárias. Ele olhou-me desdenhosamente e não compreendeu.

Pensamento

Nunca faleis nem mal, nem bem, de vós mesmos, diz acertadamente um velho provérbio oriental. Se falais bem, não vos acreditarão; se mal, acreditarão que será muito mais do que o dizeis.

Imprensa

O Barcelense — Com um interessante número especial e bem colaborado, festejou o seu XXXII aniversário este nosso presado colega, que se publica na cidade de Barcelos.

E' seu inteligente director o sr. Rogério Calás de Carvalho, na pessoa do qual saudamos todos os que lá colaboram.

Correio do Ribatejo — O nosso prezado colega «Correio da Estremadura» velho semanário da capital do distrito e da província, passou a denominar-se «Correio do Ribatejo» a partir do seu número 2902 de 13 de Janeiro findo.

A mudança de nome, que não de orientação, fillou-se no facto da região estremenha de que o distrito de Santarem fazia parte, ter passado, depois da reforma administrativa de 1937, a constituir a nova província do Ribatejo, designação mais característica, e que melhor define a posição geográfica do rincão que as águas do Tejo banham e fertilizam.

— O senhor é acusado de ter abusado da confiança do seu patrão!

— Isso é impossível, sr. Juiz, porque o meu patrão nunca teve nenhuma confiança em mim!

Anunciar em

O CASTANHEIRENSE

é contar com êxito certo.

As filosofias do Tejo

Já próximo do termo da sua carreira, próximo do mar, onde vai morrer, o Tejo adusto desenruga o seu cenho e deixa-se vencer pela molice portuguesa. Que pensará com as suas barbas o velho, à medida que entra em Portugal, da sua passada vida castelhana? Não lhe parecerá talvez, que tem sido em demasia avaro e rude?

Claro que isto é uma forma de dizer como qualquer outra, e que o Tejo, superior aos viajeros humanos, não tem preocupações de ordem filosófica; mas nós, que o tinhamos visto percorrer tão gravemente as terras de Castela e o contemplamos a seguir em Portugal, povoado de barquitos afanosos, dirigindo-se para o mar entre duas filas de alegres lavadeiras, não podíamos evitar certas reflexões.

Dizem os crentes da unidade geográfica de Portugal e Espanha, que o rio de Lisboa é o mesmo que o de Toledo, e é o mesmo, com efeitos mas, está tão mudado! A paisagem que conheceu em Espanha, é tão distinta da paisagem portuguesa, que, por força, ao familiarizar-se com esta, o seu conceito da vida tem que sofrer radical transformação.

O que mais tem surpreendido sempre todos os viajantes em Castela, é o orgulho dos homens. A natureza, por sua parte não possui orgulho menor. De que se jacta a paisagem castelhana? Não tem uma árvore, não tem uma montanha, não tem uma rocha. Em qualquer outra parte do mundo uma paisagem tão pobre apresentaria-se perante o viajante como expressão de lamentável humilde; mas não é isto o que sucede em Castela.

Em Castela, quanto mais árida é a terra, quanto mais escaldados e mais poentos estão os campos, maior é a solenidade de que se revestem. O Jungfray, rainha das montanhas suíças, não se rodeia de tanta majestade, e o turista que está habituado a tratá-la pouco menos que de tu por tu, não se atreve a titubear, carregado de comoção, perante uma propriedade castelhana que produz, com duros trabalhos, cinco arrobas de batatas por ano.

E' possível que tôda a grandeza da paisagem de Castela consista na sua austeridade. A paisagem portuguesa, em troca, não tem nada de austero. E' alegre, verde, húmida e lírica. Pela sua parte, o trágico Tejo parece iniciar também certa tendência para a lírica ao internar-se em terras portuguesas.

Bordeja-se de árvores, cobre-se de barcas em forma de meia lua, acompanha-se de canções... Quem o pensaria? Decididamente os portugueses conquistaram e tornaram seu o mais representativo dos nossos rios.

Júlio Camba
(espanhol)

Tradução de Nuno Beja.

TAMANCARIA

E

Calçado diverso

Na casa A. Esteves Vaz, em Coimbra, na rua Joaquim António de Aguiar, 18 (antiga R. do Correio), telefone 2262, encontrará V. Ex.ª o melhor sortido de tamancaria para verão e inverno, bem como calçado com piso de borracha, chinélos, samaritanas, sapatinhos e sandálias para criança, etc. Vendas por junto aos melhores preços. Fornecem-se tabelas de preços a quem as pedir.

A

P

A

Z

?

A lição da História convence-me de que enquanto houver aberrações económicas monstruosas e contrastes sociais iludindo ou sofismando as leis da Natureza, não cessará, na Terra, a fúnebre seqüência de conflitos violentos, sempre mais e mais agravados e destruidores, consoante os préstimos adquiridos pelo tempo no febril avançar das ciências.

Infelizmente, estas, que, de tacto, representam maravilhas em proveito da humanidade, no sentido ético da palavra, também servem para o mal em aplicações fulminadoras.

A expressão irónica, *paz de Varsóvia*, estende-se ao mundo inteiro, não escapando ao açoite da vendaval de ferro e fogo parcela alguma de qualquer dos continentes.

Até mesmo os neutrais, aves raras no cenário dantesco estupeiando, s.frem-lhe as penosas conseqüências.

E quando a gente se lembra, que estamos a cinco anos de distância apenas do termo da primeira metade do século XX e que, nestes 45 anos decorridos, dezenas de milhões de homens têm sido prisa de morte hecatombica, vomitada em espasmos comburentes, da terra, das águas e dos ares, chegando inclusive a estrató-esfera a desempenhar o papel de baluarte, quando a gente se lembra de tudo isto e, simultaneamente, se recorda de tantos congressos, de tantas conferências, de tantíssima reuniões e entrevistas com programas de entendimento e acordos internacionais de oportunidade, visando o estabelecimento de normas estáveis, permitindo vitalidade de instituições e firmeza de tratados, somos forçados a confessar que prevalece a hipocrisia no ânimo de quantos dispõem de posições de dirigência proeminente, eivados de ambição, de vaidade e de egoísmo.

Admito que haverá excepções honrosas; mas não passam de raridades, não insuscetíveis aliás de serem contaminadas pelo vírus da doença generalizada!

E entretanto, ninguém, de raciocínio e de bom-senso, deixe de compreender que o estado de guerra desnatura as leis da vida, opõe-se a continuidade calma, essencial e indispensável para o progresso efectivo dos povos, para a manutenção do seu equilíbrio económico e para o sucesso tranqüillo da Ciência e da Arte em sua atmosfera própria.

Para este efeito registam-se tentativas, não vingadas, é certo, mas fundamentalmente positivas, sem pobreza ou escassês de argumento.

Falharam e talvez falharão sempre, porque a fera existe no homem e a pele de lobo reveste-o desde o berço.

Seriam precisas muitas figuras de expressão e obras, quais as que definem aquele Francisco de que Assis nos mostra o retrato na histórica Itália, para ser suplantado ou sustado no curso do tempo o assômo leproso do animal inteligente e livre. Uma dessas tentativas permanece indelével no computo contemporâneo.

Assim a expõe um falecido ilustre em livro estampado por a Liga Portuguesa da Paz: «Em 12 de Agosto de 1898 o conde de Mouravieff, notável diplomata já falecido, e então ministro dos negócios estrangeiros da Rússia, dirigiu uma circular aos diversos paizes acreditados em S. Petersburgo, chamando a sua atenção para a conveniência de trocarem alvitres sobre as questões do desarmamento parcial e outros meios de evitar as guerras.

Sucedeu porém que a generosa iniciativa do czar teve apenas na maior parte dos países aquilo a que os franceses chamam «un succès d'estime, em razão da situação de alguns deles, e das desconfianças e receios de outros. Vários factos contribuíram para esta situação.

Foi por exemplo a questão de Fashoda, questão grave, então suscitada, que esteve para originar uma guerra entre a França e a Inglaterra. Foi ainda o estado de espírito de uma parte da opinião pública inglesa, que via na circular Mouravieff o intuito reservado de prejudicar a influência britânica na Ásia. Poderia ainda citar, se não receiasse alongar-me demasiado, a orientação de grande parte da opinião pública na Alemanha, que via no projecto da conferência da paz, um ataque ao grande poderio militar germânico, que este país reputa a base da sua supremacia política e a garantia da sua expansão comercial. A idéa do desarmamento parcial e da redução dos orçamentos militares foi desta forma julgada mera utopia e recebida com desconfiança pelas grandes potências e quicá pelos pequenos países sempre receosos de violências.

O conde de Mouravieff, inteligentíssimo diplomata, sentindo que era este o verdadeiro estado da opinião pública, na maior parte das grandes nações, modificou um pouco as idéas expendidas na primeira circular, e expediu mais tarde, em 30 de Dezembro de 1898, se me não engano, uma segunda circular, em que a ques-

tão era já colocada sob ponto de vista diferente. Já não se falava no desarmamento imediato; falava-se na manutenção da paz, na possibilidade da limitação dos efectivos militares nos diversos países, tomando por base os algarismos então existentes, e ainda na redução futura dos pesados orçamentos de guerra.

Apresentava-se a cada um dos países uma espécie de programa, compreendendo oito artigos, que eram apontados como bases para os trabalhos da futura conferência.

Exposta a questão sob este novo aspecto, pelo habilíssimo diplomata, Conde de Mouravieff, fácil se tornou conseguir que todos aderissem à idéa da conferência no intuito de se concertarem sobre os meios de manter a paz, evitar o aumento constante dos armamentos e meios de guerra demasiado cruéis. E' curioso notar que essa idéa tão benfazeja e de tão alto valor moral partiu dum dos mais poderosos soberanos da Europa, do Czar de todas as Rússias, apóstolo dedicado da causa da paz, que se impõe à nossa admiração, menos pelo seu enorme poderio do que pelo seu elevado espírito e pela sua grande e nobre alma. Alexandre III merece a gratidão do mundo civilizado por ter dito com desassombro, que abusar da força é um crime; e que nada vale tanto para o engrandecimento duma nação, como a manutenção da paz. O convite para a conferência foi feito pela Holanda, porque o diplomata russo previra que não era conveniente que a conferência se realizasse na capital duma nação poderosa, o que podia desagradar às grandes potências, e amedrontar os pequenos países. Neste intuito escolheu a Haya.» (Conde de Penha Garcia — «As Convenções de Haya» — Lisboa, Dezembro de 1901).

Bonita era a idéa. Magníficos teriam sido os seus resultados, se ela, penetrando, absoluta e íntegra, pela porta da inteligência de todos e de cada um dos representantes das vinte e seis nacionalidades, ali reunidos, se lhes houvesse alojado na consciência.

Sabemos o que posteriormente ensanguentou o mundo e tem feito a paz, tornando irrisórias as convenções celebradas, os planos de aproximações, os pactos, que, à maneira do de Briau Kellogg, receberam assinaturas, sem «a mesma intenção» de correspondente cumprimento. Perfilho a propósito, este conceito do professor A. L. Goodhart em artigo magis-

tral, inserido em o n.º 79, Junho de 1944, da esplêndida publicação ilustrada «A Grã-Bretanha de Hoje»: «E' possível que o Pacto de Paris, também conhecido como Pacto Briand-Kellogg, tenha feito muito mais mal do que bem, pois aquietou o povo com uma falsa sensação de segurança.»

Também Napoleão III declarou em discurso público: «L'empire c'est la paix.»; e não tardou muito tempo para que M. Félix Germain pudesse, depois de Magenta e Solferino, estampar, em Paris (1859), um folheto com este título: «Le Congrès Est-Ce La Vraie Paix?» abrindo o nestes precisos termos, que traduzo: «O que é a paz de Vilafranca e de Zurique? Terá sérios resultados, ou não significa mais do que um insignificante *mezzo termine* (meio termo) que nada resolve?»

A Paz? — será mera utopia?! Até, hoje, e desde as épocas mais recuadas a que chega a pesquisa dos arqueólogos e a investigação dos eruditos, só momentânea e restrita há sido a bonança humana, sem já mais secarem as vermelhas ondas produzidas pelas lascas de pedras em arremesso, pelos galhos das árvores, por osadas, pelos metais aguçados, pelo fogo explosivo, por todo o material com que a ambição, a vaidade e o egoísmo têm empregado sem escrúpulos de nenhuma espécie.

Promessas de paz? — O que exprimem elas, de certeza prática em presença das virulências, dos atritos, das irritantes desigualdades sociais, dos descabros escandalosíssimos?!

Mas, finalmente, será variável, algum dia, uma permanência ininterrupta de arco-íris, não no espaço atmosférico e sim entre os homens, por espontâneo complexo, de inquebrantável continuidade e identificação perfeita de sentimento íntimo.

Sê-lo á, porventura, distanciando-se porém, da nossa idade, num porvir de milénios, quando milhentas decepções e atrocidades tiverem forçado o homem a reconhecer no homem o seu semelhante.

Enquanto isto não ocorrer, de facto e de direito, o ideal de paz não passará de utópico.

F. Noronha

COBRANÇA

Dados os grandes encargos que presentemente temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes, e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o especial favor de liquidarem pelo meio que acharem mais conveniente as suas assinaturas em atraso.

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem
A maior organização no género no país

Liços metálicos em aço, Grampos de aço temperado, Calxilhas (Perchadas), Malhões e Tirantes, Molas espirais, PENTES, Latas de fibra Vulcanizada para Fiação, Cartões de aço para teares, Romanas, Bobines em madeira, Canelas, Lançadeiras de todos os tipos, Pinos de Madeira, Tempereiros, Pinças, Tesouras de tecelão, Ganchos para coser correias, etc, etc.

PREÇOS CONVINDATIVOS

Esta casa tem sempre para entrega emediata todos os artigos do seu fabrico.

Em Castanheira de Pera queiram dar as vossas encomendas ao nosso Agente: JOSÉ COELHO JUNIOR—Telefone 16, o qual tem em depósito os nossos artigos.

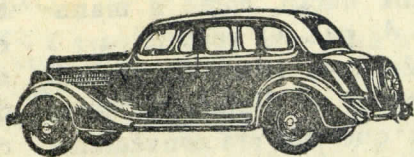
Fábrica e Escritório: R. Duque de Saldanha, 150

TELEFONES P. B. X. } Fábrica 1668
Escritório 1313

Endereço Telegráfico: DORATO

PORTO

Automobilistas!...



Produzir e Poupar

Entregando os vossos pneus à

é ter a **Vencedora**
certeza **Castrense** é
de poupar
produzir dinheiro
maior número de pela sua maior
quilómetros duração

Fábrica de Recauchutagem

Avenida 28 de Maio, 97 • VISEU



MANNHEIMER V. G.

COMPANHIA DE SEGUROS

RAMOS -Incêndio-Agrícola-Marítimo-Transportes
terrestres-Automoveis-Acidentes de trabalho
Acidentes pessoais - Responsabilidade civil geral.

LISBOA — Largo da Anunciada 9 (esquina da Avenida da Liberdade). Telefones

: : : 21773-21777 : : :

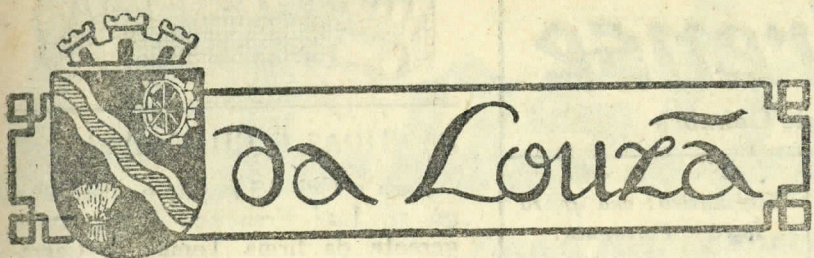
Agente em CASTANHEIRA DE PÊRA
JOSÉ COELHO JÚNIOR

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão; cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.



Pelo Tribunal

No Tribunal Judicial desta Comarca debate-se uma importante e sugestiva causa entre a Companhia Electrica das Beiras, com sede nesta vila, e os habitantes do Vidual de Baixo, do concelho de Pampilhosa da Serra — mais de 70 quilómetros da Lousã — tendo por fundamento, ao que parece, a Companhia não ter pago a estes os seus prédios rústicos e urbanos pelo seu justo valor e que a magestosa albufeira, proveniente da barragem de Santa Luzia, submergiu por completo.

E' de tais proporções o lago que nele poderia muito bem flutuar a arca de Noé...

Ontem, 5 do corrente, foi a 4.^a audiência, a que se seguirão outras, porque o assunto é complicado e as partes em causa insistentes.

O Tribunal é colectivo, presidido pelo m.^o Juiz da Comarca, ex.^{mo} sr. Ricardo Lopes, sendo advogados dos vidualenses os srs. dr. Jose Ribeiro Cardoso, de Castelo Branco, e dr. Adelino Palma Carlos, de Lisboa; e da Companhia, os srs. dr. Fernando Lopes, de Coimbra, e dr. Pedro de Mascarenhas Castelo Branco, da Lousã, membro da poderosa Companhia.

Quem tem razão? — perguntámos distraidamente a uma mulherinha das proximidades do Vidual, que se encontrava no Tribunal — Olhe, senhor, todos a querem ter; mas só uma das partes a terá, respondeu-nos a mulher um pouco filosoficamente.

Como, porém, a audiência prossegue, oportunamente diremos do *verdictum* do respeitável Tribunal.

Coisas extraordinárias!

O Mundo atravessa uma época de calamidades que a história já-mais registou.

Até os ratos se tornaram incendiários! Pode lá ser que aqueles daninhos roedores queiram agora, por simples instinto, imitar ou, melhor, cooperar na sanha das devastações que a metralha incendiária aérea dos beligerantes vem lançando, por esse Mundo além, sobre cidades inteiras, reduzindo-as a um montão de escombros?!

Pois é verdade, caríssimos leitores. No lugar de Guarda, lá para os lados do Porto, um rato, de madrugada, incendiou uma casa de lavoura, pertencente a uma tal Luisa Gomes Neves, habitada por quatro famílias, salvando os populares algumas crianças que ali dormiam, sendo importantes os prejuizos. Ao que parece, o rato levou uma pequena lamparina de azeite que iluminava uma imagem, tendo a chama pegado a um colchão. Ora aí está.

Outra sensacional noticia é a seguinte: Numa quinta dos arredores de Viana do Castelo estão duas macieiras, inteiramente despidas de folhas, mas cobertas de boas e saborosas maçãs. Anda tudo às aves-

sas. Já as maçãs aparecem no inverno e antes das folhas.

«Anda tudo às avessas»... E' como o outro que guiava um burro atrelado a uma carroça; mas apresentando dois policias, salta, dum pulo, da carroça — era lusco-fusco — prende o burro atrás da carroça e mete-se entre os varais a puchar a carroça. Os policias, aproximando-se, perguntam-lhe: — Então, amigo, as luzes? — Isso, senhores, não é comigo; é com o patrão que vem lá atrás, responde-lhe o espertalhão...

António Maria Saraiva

Na Casa de Saúde na rua da Sofia — Coimbra — encontra-se o nosso amigo e distinto professor da escola masculina de Freixo, sr. António Maria Saraiva, afim de se submeter a uma melindrosa operação cirúrgica.

Que ela lhe decorra sem incidente e volte, em breve à sua escola são os votos sinceros do

Barata de Mendonça

6-3-45.

Da Graça de Pedrógão

Faltou a água da Fonte

Entre os lugares de Carvalheira Grande e Carvalheira Pequena, desta freguesia, há uma velha fonte de «chafurdo». Imprópria deste século XX em que por toda a parte se apregôa civilização, ciência e luz, fonte que até há pouco abastecia de água pouco limpa os dois lugares mencionados e os dois lugares vizinhos de Altardo e Vale da Nela.

Essa miserável fonte chegou agora ao seu último ponto, inutilizou-se por completo com o andar do tempo, e os infelizes habitantes dos quatro lugares referidos encontram-se sem uma fonte pública e capaz, onde possam ir buscar água para beber e mais usos domésticos de primeira necessidade. Decerto a Digna Câmara do nosso concelho não tomou ainda conhecimento de este facto; aliás já teria tomado as devidas providências, como muito bem fez nos lugares de Nodeirinho, Adega e outros. Pedimos e esperamos que sem demora se dê remédio a esta necessidade tão urgente.

Club D. Troviscalense

DIRECÇÃO

Presidente, Manuel Barata Salgueiro; Tesoureiro, José Mendes; Secretário, Marcolino Filipe David Tomaz; Vogais, Artur Coelho Antunes e Alfredo Henriques Lopes.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Aurélio Lopes Antunes e Secretários João Rodrigues Soeiro e José Augusto Antunes.

O Imperialismo Japonês

por José de Freitas — Volume n.^o 73 de «Biblioteca Cosmos».

José de Freitas, jornalista de dois grandes jornais de Lisboa, e especialista de assuntos do Extremo-Oriente, deu-nos, agora em «Biblioteca Cosmos» um volume sobre o Japão.

Já nesta mesma colecção o autor nos tinha dado uma outra monografia sobre a China, e com este trabalho sobre o Imperialismo Japonês, cheio de interesse, conscienciosamente estudado o problema daquele colosso do oriente, fica dado ao leitor um panorama geral dos múltiplos interesses, dos complicados problemas que agitam os povos banhados pelo Pacífico, e que atingiu a expressão máxima com o conflito sangrento e feroz que hoje ali se trava.

NOVA OFICINA

DE

Canalizações de águas quentes e frias. Aquecimento central. Aquecimento por fogões de cosinha. Reparações de caldeiras a vapor. Montagens de casas de banho.

Serviço com toda a perfeição e rapidez

JOSÉ CORREIA

Rua da Torre

Figueiró dos Vinhos

Goma Laca

(Sintética)

Vende, a preço tabelado, pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmaceuticos.

António Campos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.^o dt.^o e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

PENSÃO FAMILIAR

Telefone 13

Almoços, Jantares, Pensão completa
Água corrente, Casa de banho

Eduardo Silva
Pensão Familiar

TINTURARIA
«LUSÓFILA»

Praça Visconde de Castanheira de Pera

CASTANHEIRA DE PERA

TINGE-SE E LIMPA-SE TODO

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta

Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.^a, D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162, 2.^o

(À PORTAGEM)

Telefones: Consultório 3039
Residência 3509

COIMBRA

CASA DOS
LINHOS

TEIGEIRA DE ABREU & C.^a, L.^{da}
33, 34 — Largo 28 de Maio
35, 36, 37 — GUIMARÃES

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

LEDE E PROPAGAI

«O CASTANHEIRENSE»

Quando terminar a guerra, não esqueça,!

L. FARGE, LIMITADA

estará novamente em condições de fornecer-lhe o algodão indiano que a sua indústria de lanifícios necessita E AGORA, continua à frente da concorrência na venda de TRAPÓS de todas as qualidades e DESPERDÍCIOS DE ALGODÃO, para todos os fins

Consulte sempre a casa que toda a indústria de lanifícios conhece

L. Farge, Limitada

Telef. Urbano 4494 e Estado 197

R. do Freixo, 1201 — PORTO

Telegramas: Egraf

Agentes | Castanheira de Pera — José Coelho Júnior
Covilhã — António Pereira Pais Espiga

Piparotes

1 Não haveria possibilidade de fazer o encanamento da água que à porta do senhor Matias continuamente inunda o local?

2 Não haveria possibilidade de conseguir umas receitas para o Município mandando aplicar as posturas que certamente devem constar do Código das ditas, aplicando penalidades a quem usa e abusa das ruas para despejos de toda a espécie?

3 Não haveria possibilidade de marcar um ponto certo para as camionetes a gasogéneo fazerem as suas limpezas sem ser no centro da vila?

4 Não haveria possibilidade de se providenciar para que esta vila pudesse deixar de ser, higienicamente falando, pior do que as piores aldeias?

5 Não haveria possibilidade do Município fazer aquisição de uma mangueira para, utilizando as bocas de incêndio, mandar lavar convenientemente as ruas da vila, já que a vassoura as não visita com regularidade?

RÉDACTOR V

Adelino Henriques dos Santos

Deu-nos o prazer da sua visita este nosso conterrâneo, empregado nas Edições Expansão, de Lisboa.

Os nossos agradecimentos.

De Figueiró

Visitas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila há poucos dias, os reverendos srs. PP. José Martins da Cruz Diniz, José Rodrigues Paiva e Manuel Luís, respectivamente de Arega, Chãos de Ferreira do Zêzere e Campêlo.

Exploração de resinosos

Continua a exploração de resinosos e respectivo preço nesta região.

A cem à hora

Brevemente...

Vergílio Martins Henriques da Costa

Com elevada classificação, concluiu recentemente os seus estudos para o Magistério Primário, em Coimbra, o nosso particular amigo e sr. Vergílio Martins Henriques da Costa, filho do nosso assinante sr. Vergílio Henriques da Costa, gerente do Grémio da Lavoura do concelho. Este nosso amigo foi sempre um aluno muito distinto e é de esperar, como merece, que o seu futuro seja muito risonho. As nossas felicitações.

DAVIS

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:
Quadrimestre 7\$20
Cobrança pelo correio
mais 1\$00

PUBLICA-SE NOS DIAS
1, 10 e 20
DE CADA MÊS

ASSINATURAS
Estrangeiro - ano 4\$70
Império Português -
ano 3\$60

A posição de Portugal

(CONCLUSÃO)

vêrno considerou sempre o mais alto serviço para o povo português e a mais bendita e generosa mercê da Providência.

Essa paz, porém, foi também sempre condicionada pelo respeito e lealdade à nossa aliança de séculos, conforme o demonstram estas palavras do Chefe do Governo quando expôs à Assembleia Nacional com a mais viva nitidez e precisão a posição de Portugal perante o conflito mundial:

«Em todo o caso não ficaríamos de bém com a nossa consciência se amigos que não voltam a cara na adversidade alheia—não reafirmássemos naquêlê grave momento os nossos sentimentos de amizade e toda a nossa fidelidade à aliança inglesa.»

A atitude de Portugal e a sua neutralidade, conforme o governo a declarou e definiu foi da maior utilidade para as Nações Unidas às quais de modo nenhum conviria ampliar e dificultar as lutas do Mediterrâneo e do Atlântico, segundo o afirma criteriosamente o excelente artigo *Portugal está seguro do seu direito* publicado no nosso colega «Diário da Manhã».

A própria Inglaterra pela voz do seu primeiro Ministro Winston Churchill ao comunicar à Câmara dos

Comuns as facilidades concedidas nos Açores à Gran-Bretanha declarou serem estas resultado da antiga aliança das duas Nações por um tratado que data de 1573, e o apreço do Governo de Sua Magestade, apreço que partilhou sem dúvida o Parlamento e a Nação britânica pela lealdade do Governo português, que nunca vacilou, nas horas mais sombrias da guerra, em se manter ao lado da sua velha aliada.

Como é opinião geral que a Alemanha está vencida, há quem julgue oportuno e conveniente mudar a posição de Portugal, para poder participar duma determinada conferência. Não há motivo algum de interesse para nós ou para a nossa aliada que justifique uma atitude diferente.

Declarar a guerra a um país que se considera vencido é um acto contrário à honra e à tradicional generosidade portuguesa.

Para assegurar os nossos direitos possuímos certas garantias que nos foram dadas na hora em que livre e voluntariamente satisfizemos as nossas obrigações de aliados de séculos; e temos por nós aqueles indesejáveis e invioláveis princípios, que seria absurdo supor tõessem infringidos pelos que se propõem impor uma paz baseada no respeito pela Justiça.

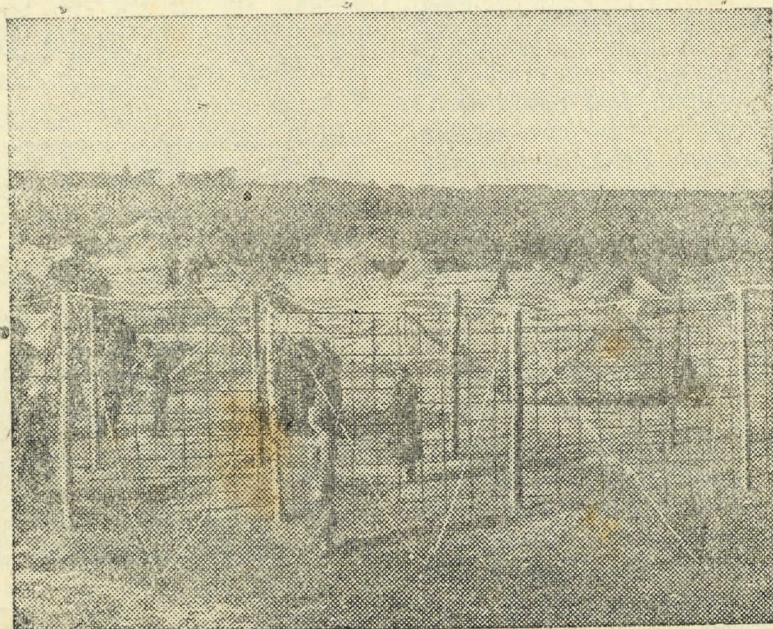
Manuel Deniz

Visitou-nos este nosso amigo e dedicado assinante, comerciante em Labrugeira, Alenquer, que veio visitar a sua família ao Coentral, Muito obrigado.

Hora legal

Como nos anos anteriores, dado o estado anormal em que vivemos, às 0 horas de hoje, sábado, 10, os relógios adiantar-se-ão 1 hora.

A' margem da guerra



Um campo de prisioneiros germânicos, no pôrto de Dieppe.



PARTIDAS E CHEGADAS

Para a Covilhã seguiu o nosso amigo sr. José Francisco Deniz, sócio gerente da firma Tomás & Carvalheira, Ld.^a

—De visita a sua mãe sr.^a D. Maria Justina Neves, encontra-se entre nós o sr. Marcolino Coelho das Neves, acompanhado de seu filho.

—Para Lisboa seguiu o sr. Jorge Galamba Marques, digno Tesoureiro da Fazenda Pública deste concelho, que ali se deslocou aos concursos.

Desejamos-lhe os melhores resultados.

Abílio Dominguez

Em Lisboa consorciou-se este nosso presado amigo e assinante, natural da Gestosa, comerciante na praça de Lisboa.

«O Castanheirense» apresenta-lhe o seu cartão de sinceros parabéns, e deseja-lhe as maiores felicidades.

Josefina da Conceição Antunes

Foi operada no Hospital de S. José em Lisboa a sr.^a D. Josefina da Conceição Antunes, dedicada esposa do nosso presado amigo sr. Manuel Vicente Antunes, comerciante na praça de Lisboa.

«O Castanheirense» faz votos para o seu rápido e completo restabelecimento.

Novos assinantes

Por indicação do nosso colaborador sr. Ilidio José Coelho, registamos os seguintes:

Francisco Henriques Teixeira — Castanheira de Pera.

Adelino Henriques dos Santos — Lisboa.

Se és amigo da tua terra auxilia O CASTANHEIRENSE, indicando-lhe novos assinantes.

Da Moita

No passado dia 18 de Fevereiro os gatunos assaltaram a casa de Beatriz Rosa e Maria da Conceição, de onde roubaram diversas roupas, bem como milho e feijão que ali tinham para semente.

Já no ano transacto se verificaram vários assaltos a diversas casas, e seria bom que a gatunagem fôsse descoberta, afim de se lhe dar o devido castigo.

Aqui fica o aviso para quem tiver as suas cousas mal acauteladas.—C.

Plantações ilegais de vinhas

Pelo Decreto-Lei n.º 34.421, de 28 de Fevereiro, foi prorrogado até 31 de Março do ano corrente, o prazo para requerer a conservação de plantações ilegais, que se encontravam efectuadas à data da publicação do Decreto-Lei n.º 33.544, de 21 de Fevereiro de 1944.

As plantações cuja conservação vier a ser autorizada ficam sujeitas ao pagamento da taxa de 50\$, por cada pé de bacelo.

Os requerimentos devem ser feitos em papel selado, com duplicado em papel de 25 linhas e enviados A' Direcção Geral dos Serviços Agrícolas —Lisboa, ou A' VII Brigada Móvel do Plantio da Vinha—Caldas da Rainha, até 31 do corrente.